

COMISSÃO DA VERDADE

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

31/07/2013

COMISSÃO DA VERDADE**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****31/07/2013**

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. Quinquagésima Nona Audiência Pública, 31 de Julho de 2013, Auditório Teotônio Vilela.

Instalação da Sessão. Está instalada a Quinquagésima Nona Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 31 de Julho de 2013, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, no Auditório Teotônio Vilela, para a oitiva dos depoimentos sobre os casos Gelson Reicher e Antônio Carlos Nogueira Cabral.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público.

Formação da Mesa. Nesta ponta à esquerda o Carlos Henrique Menegozzo, da Comissão da Verdade da UNE, Felícia Reicher, Felícia Madeira, irmã de Gelson Reicher e Reinaldo Morano, colega contemporâneo e amigo do Gelson, e no fim o Geraldo Blay vai fazer um depoimento como do seu pai, do seu tio e dos familiares que acompanharam os últimos dias do Gelson. Então com a palavra o Cuba para ler o testemunhal do Gelson.

O SR. RICARDO KOBAYASHI – Boa tarde a todos e todas, eu faço a leitura do memorial do Gelson Reicher.

Gelson Reicher, assassinado em 20 de Janeiro de 1972, nasceu em 20 de Fevereiro de 1949 em São Paulo, filho de Berel Reicher e Blima Reicher, morto em 20 de Janeiro de 1972, militante da Ação Libertadora Nacional, ALN.

Era estudante do Quinto ano de medicina na USP e Diretor do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, foi professor em cursos pré-vestibulares e participou de pesquisas científicas, atuou no Teatro Universitário, escreveu poesias e peças de teatro compondo músicas para as encenações, muitas delas dirigidas por ele.

Na ALN, juntamente com Iuri Xavier Pereira, foi responsável pela criação dos jornais Primeiro de Maio, Ação e O Guerrilheiro. De família judia e único filho homem de Berel e Blima, deixou tamanha saudade, que seu quarto quase dez anos depois de sua morte, ainda era mantido exatamente como deixara desde a última vez que ali estivera.

Dados sobre sua prisão e morte. A versão oficial de suas mortes, Gelson Reicher e Alex de Paula Xavier Pereira, divulgada pela imprensa foi; Conforme o Estado de São Paulo de 22 de Março de 1972, a seguinte abre aspas, “O Volks de placa CK-4848 corre pela Avenida República do Líbano, em um cruzamento, o motorista não respeita o sinal vermelho e quase atropela uma senhora que leva uma criança no colo. Pouco depois o Cabo Silas Bispo Feche da PM que participa de uma patrulha, manda o carro parar. Quando o Volks para, saem do carro o motorista e seu acompanhante atirando contra o Cabo e seus companheiros. Os policiais também atiram. Depois de alguns minutos, três pessoas estão mortas e uma outra ferida. Os mortos são o Cabo da Polícia Militar e os ocupantes do Volks, terroristas Alex de Paula Pereira e Gelson Reicher”, fecha aspas.

A nota informou os nomes falsos usados por Alex e Gelson juntos aos verdadeiros e graças a essa informação, os familiares de Alex puderam encontrar seus restos mortais em 1979 enterrado como indigente com o nome de João Maria de Freitas no Cemitério Dom Bosco em Perus na cidade de São Paulo.

Ao mesmo tempo em que assumiram a morte dos dois militantes e suas verdadeiras identidades por meio de nota oficial, seus corpos foram enterrados com nomes falsos. Os restos mortais de Alex foram trasladados para o Rio de Janeiro em 18 de Outubro de 1980, após a ação de retificação dos registros de óbito junto com as de seu irmão Iuri.

Até a abertura dos arquivos do DOPS de São Paulo em 1992, o único questionamento que os familiares faziam à versão oficial era quanto ao fato de que mesmo conhecendo a identidade de Alex, os órgãos de segurança enterraram-no com nome falso para impedir o acesso ao seu corpo, mas fotos dos corpos de Alex e Gelson

foram encontrados nos arquivos do DOPS de São Paulo e indicavam prováveis escoriações e hematomas.

A Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos mesmo sem poder contar com boas condições técnicas, conseguiram reproduzir fotos que foram enviadas ao Médico Legista Nelson Massini para a realização de um parecer. Nos arquivos do DOPS de São Paulo descobriu-se também o depoimento de um militante da ALN que preso, indicavam possíveis locais de encontro com Alex. Esse fato derrubava a ideia que o ocorrido foi um encontro casual indicando que o Volks teria sido seguido desde o Bairro de Moema até a Avenida República do Líbano, local próximo ao quartel do Segundo Exército onde teria acontecido o tiroteio, ou onde provavelmente se montou o teatro para forjar um tiroteio.

A análise das fotos do laudo necroscópico assinado por Isaac Abramovitch e Abelar Queiroz, o Sine, comprovou que a versão oficial não se sustenta. O novo laudo elaborado pelo legista Nelson Massini em 06 de Março de 1996, atesta que Alex fora morto sob torturas. Nas suas conclusões, Massini afirmou abre aspas: “Podemos concluir com a absoluta convicção que o Sr. Alex de Paula Xavier Pereira esteve dominado por seus agressores que produziram lesões vitais e não mortais anteriores àquelas fatais e assim submetido a um caso de tortura”, fecha aspas.

Gelson foi enterrado no Cemitério Dom Bosco sob o nome falso de Emiliano Sessa, mas sua família conseguiu logo após a sua morte retirar o corpo. Vários depoimentos demonstraram que o envio de corpos à necropsia e à liberação dos mesmos obedecia a um ritual próprio envolvendo geralmente o mesmo grupo de pessoas.

O que ocorria nas necropsias noturnas não tinha testemunho de ninguém, o corpo do militante Gelson Reicher, por exemplo, foi enviado com o nome falso pelos órgãos de repressão. Tinha o nome verdadeiro escrito à mão na requisição de exame. A autópsia foi feita por Isaac Abramovitch, amigo da família de Gelson que o conhecia desde criança. Abramovitch se encontrava diariamente com Gelson na garagem do prédio onde moravam e mesmo assim emitiu laudo e atestado de óbito com nome falso permitindo que o corpo fosse enterrado como indigente em Perus.

Em seu depoimento na referida CPI, ele alegou não ter reconhecido o rosto do autopsiado, embora tenha avisado ao pai de Gelson sobre o local onde o filho fora

enterrado, o que possibilitou que fosse retirado, dias depois para ser sepultado em Cemitério Judeu. A foto do cadáver mostra que o rosto não estava deformado, sendo facilmente identificado. Isaac Abramovitch também não soube explicar porque havia cometido esse engano outras vezes.

Os corpos de Gelson e Alex chegaram ao necrotério do IML vestidos apenas com cuecas, como, quando e onde e por que foram despidos? Por que foram despidos? E por que a morte dos dois só foi publicada 48 horas após o ocorrido? Estando oficialmente identificados, como mostram vários documentos, por que foram enterrados com nomes falsos?

Providências posteriores. Na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, o caso de Alex 206/96, tendo como relator Paulo Gustavo Gonet Branco, foi deferido em 02 de Janeiro de 1997, por seis votos a favor e um contra, o do General Oswaldo Pereira Gomes.

No caso de Gelson, o relator Paulo Gustavo Gonet Branco, iniciou o seu voto recordando a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, apreciou o pedido semelhante no caso de Alex Paula Xavier Pereira, ressaltando, entretanto, que os casos deveriam ser analisados individualmente, pois a morte em confronto armado com forças de seguranças não gerava os direitos aos benefícios da lei 9.140/95.

O relator propôs que da mesma forma como procedera ao caso de Alex, a Comissão buscasse opinião técnica sendo solicitado o parecer criminalístico do perito Celso Nenevê. O perito descreveu todas as lesões produzidas por tiro concluindo não poder estabelecer a dinâmica do evento por falta de elementos. Registrou, contudo, como ocorrera no caso de Alex, que o corpo de Gelson apresentava lesões não descritas por Abramovitch. Abre aspas.

“Um, na região orbitária direita, na pálpebra superior direita e na região frontal direita, a presença de edema traumático aparentemente associado a uma extensa equimose, a formação dessa lesão apresenta característica da ação contundente de algum instrumento, considerando ainda o descrito no laudo quando do exame interno, aberto o crânio pela técnica habitual nada se encontrou de interesse médico legal. A sua formação aparentemente não deve estar ligada à ação lesiva dos projeteis que atingiram a cabeça da vítima.

Dois, a linha mediana da região frontal, no dorso do nariz e na região orbital esquerda, próximo da região zigomática, manchas escuras com características genéricas de lesões, sem que possam definir suas naturezas e características dos instrumentos que às produziram. O mesmo pode ser observado para a região deltoide esquerda e região mamária direita, outro sim é provável que Gelson Reicher a partir do momento em que teve os quatros membros atingidos por projeteis de arma de fogo, não oferecia mais condições de resistência armada nem tão pouco de fuga. Considerando ainda que o edema e a equimose verificados na região orbital direita e circunvizinhas sejam de natureza contusa, as quais para a sua formação necessitam obrigatoriamente do contato físico entre o instrumento e a vítima, por conseguinte de grande proximidade.

Esse ferimento não coaduna com o quadro comumente verificado em tiroteios sendo plausível que essa lesão contusa, tenha sido produzida após as lesões perfurocontusas de seus braços e pernas e em circunstâncias que não estão esclarecidas considerando que a vítima provavelmente apresentava-se dominada em decorrência dos ferimentos em seus membros”, fecha aspas.

Na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, o caso referente a Gelson 246/96, foi aprovado em 02 de Outubro de 1997 por seis votos a favor e um contra do General Oswaldo Pereira Gomes. Em 09 de Novembro de 2007 por iniciativa da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República em parceria com a Diretoria do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, CAOC, da Faculdade de Medicina da USP, foi inaugurado na sede daquela agremiação estudantil o memorial em homenagem a Gelson Reicher e Antônio Carlos Nogueira Cabral, este último, ex-presidente do CAOC e militante da ALN, assassinado no Rio de Janeiro em 12 de Abril de 1972, no bairro do Jardim da Glória em São Paulo, homenageou Gelson dando o seu nome a uma praça. O Rio de Janeiro deu o nome a uma agência aos irmãos Iuri e Alex Xavier Pereira a um centro de atendimento da Secretaria do Trabalho.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Bom, agora vamos passar a leitura do memorial do Cabral feito pela Thaís Barreto. Thaís Barreto.

A SRA. THAÍS BARRETO – Boa tarde a todos, vamos começar aqui uma pequena biografia do Antônio Carlos Nogueira Cabral.

Assassinado em 12 de Abril de 1972, nasceu em São Paulo em 14 de Outubro de 1948, filho de Cesário Nogueira Cabral e Maria Tereza Nogueira Cabral, militante da Ação Libertadora Nacional, ALN. Era estudante de Medicina na USP, foi presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Era uma liderança muito querida entre os estudantes, participou da tradicional encenação teatral do show Medicina e também de uma montagem dirigida pelo Alberto D’Aversa, Noite de Guerra no Museu do Prado de Rafael Albertí, uma narração à resistência dos Republicanos Espanhóis diante do ataque final das forças Fascistas em 1939.

Dados sobre sua prisão e morte. Sua prisão, em circunstâncias desconhecidas ocorreu em 11 de Abril de 1972 e a notícia de sua morte foi publicada nos jornais somente em 18 de Abril. Segundo a versão oficial contida no auto de exame cadavérico de 12 de Abril de 1972, Rio de Janeiro, Antônio Carlos foi: abre aspas, “morto em aparelho repressivo, aparelho subversivo após reagir à bala”. A mesma informação foi divulgada no Jornal da Tarde de 18 de Abril de 1972 com a seguinte manchete; Terrorista é morto em tiroteio na Guanabara.

Seu caixão foi entregue à família, lacrado e com ordens expressas para não ser aberto. O enterro de Antônio Carlos contou ainda com a presença ostensiva de policiais. O corpo de Antônio Carlos entrou no IML pela guia Cinco do DOPS como desconhecido, morto ao reagir à prisão. Foi identificado por sua irmã Maria Elizabeth Nanni em 18 de Abril de 1972 e entregue à família no dia 19.

A necropsia foi assinada pelos legistas, Olímpio Pereira da Silva e Jorge Nunes Amorim e afirma que as balas que o alvejaram, penetraram as regiões vitais, duas no pescoço e três na região do coração. O relatório da perícia relativo à ocorrência de número 293/72, informou que os peritos compareceram ao local as Três e Quarenta de 12 de Abril, atendendo requisição do DOPS do Rio de Janeiro.

Descreve o local do encontro do corpo de Antônio Carlos, como da entrada da casa, assinala feridas contusas e equimoses nas nove fotos que acompanhavam o laudo. Registra ainda que abre aspas: “Suas vestes se achavam em desalinho denunciando

bruscos movimentos e luta. A vítima tinha nas vestes e mãos impregnações de tinta própria para estêncil”, fecha aspas.

Tais fotos, entretanto não foram localizadas, o atestado do óbito firmado por Olímpio Pereira da Silva, registra outro horário para a morte, Cinco e Vinte e Cinco de 12 de Abril e dá como causa à morte abre aspas: “Ferimentos penetrantes e transfixantes do tórax e abdômen com lesão do pulmão direito, coração e fígado e hemorragia interna. As duas únicas fotos de seu corpo encontradas nos arquivos do IML do Rio de Janeiro junto às dezenas de outras, dentro de uma gaveta sem qualquer identificação, mostram visíveis marcas de tortura, escoriações nas mãos, no tórax, no rosto, face e testa.”

Algumas são descritas na necropsia, outras não. Na metade esquerda da região frontal há três placas de escoriação de cor parda avermelhada, medindo a maior três por dois centímetros. O membro superior esquerdo mostra placa de escoriação de cor parda avermelhada medindo três por meio centímetro e que se situa no terço superior ilegível externa do braço. No terço superior da face dorsal do antebraço e terço anterior dessa mesma face há oito placas de escoriação de cor parda avermelhada medindo a maior dois por um centímetro. O membro superior direito revela na face externa do cotovelo, face posterior do terço inferior do antebraço seis placas de escoriação de cor parda avermelhada medindo a maior dois por um centímetro.

Relatórios dos Ministérios da Marinha e Aeronáutica, encaminhados ao Ministro da Justiça em 1993, registram que teria morrido em 12 de Abril de 1972 as Cinco e Vinte e Cinco, na Rua Zizi, número 115, bairro de Lins de Vasconcelos no Rio de Janeiro, após intenso tiroteio ao resistir à ordem de prisão.

Providências posteriores. Seu caso na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos tendo como relator Mario Miranda, foi deferido por unanimidade em 19 de Fevereiro de 1996. Em 09 de Novembro de 2007, por iniciativa da Secretaria de Direitos Humanos do Paraná em parceria com a Diretoria do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, CAOC, foi inaugurado na sede da entidade estudantil um memorial composto de painel metálico com fotos e textos em homenagem a Antônio Carlos e Gelson Reicher, morto em Janeiro de 1972.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Bom, vamos lá? Começar, eu queria pedir para o Reinaldo Morano, tem o microfone sem fio aqui para você, o Dr. Reinaldo Morano, Médico Psicanalista e Psiquiatra e colega do Gelson e do Cabral. Com a palavra Reinaldo Morano.

O SR. REINALDO MORANO – Boa tarde a todos. Eu quero começar me congratulando com o Deputado Adriano Diogo pela conquista de transformar o prédio da Auditoria Militar da Avenida Brigadeiro Luiz Antônio em mais um dos marcos do período negro da ditadura que afligiu o nosso País.

Eu me lembro que em uma outra ocasião em que eu participei aqui de uma Sessão, nós falamos disso porque a Auditoria, ela teve um, a Auditoria Militar teve um papel significativo, importante em alguns momentos, até decisivo como parte dos instrumentos de perseguição e de tortura. O Juiz Auditor veja, o Conselho da Auditoria, era um Conselho formado por militares, mas tinha à testa um juiz togado, ele não era militar e o Juiz da Segunda Auditoria, Nelson Machado Guimarães, ele autorizava a volta dos presos que já estavam no presídio para o DOI-CODI e ele sabia, ele tinha absoluta convicção do ia acontecer, e ele participava de uma espécie de *misancene*, ajudado por um acólito tenebroso, um sujeito que usava uma capa preta chamado Alfredo. Isso aí era um coroinha do demônio.

Em alguns momentos ele conseguia ser mais, desculpe a expressão, um filho da puta, do que o Nelson, mas não era sempre porque o Nelson, que era o Juiz Auditor da Segunda Auditoria, ele caprichava nas ações e nas atitudes. O Juiz da Primeira Auditoria, naquele momento, chamava Paiva e em algumas situações ele parecia ser um pouquinho melhor do que o Nelson, mas era parte daquele enredo do um morde e o outro assopra, se revezando, às vezes o da Primeira Auditoria dava uma assopradinha para dar uma impressão de que aquilo era uma instância com algum verniz jurídico. Mas aquilo não passava de apenas parte do instrumento de tortura representado pelo DOI-CODI e pelo DOPS, é semelhante ao papel que o Tuma desempenhou no DOPS. Porque nesse País aqui tão carente de memória, houve momento em que um Senador da República, era um Democrata, era uma pessoa e aí ele morre e aí tem um elogio fúnebre

e aí o Presidente da República já eleito em um outro momento vai lá, alias como foi no velório daquele sujeito da Globo também, enfim.

Os velórios são sempre um monumento à hipocrisia e, mas enfim, eu queria lembrar aqui do papel da auditoria e aproveitei para lembrar o papel do Tuma como grande chefe do DOPS durante muito tempo, também acobertando, estimulando, fazendo de conta, mas eu queria então, me congratular aí com o Deputado Adriano Diogo, porque a Auditoria, o prédio da Auditoria se insere agora no rol dos nossos marcos para que não se esqueça, para que não se repita, para que nunca mais aconteça e da outra vez eu me lembrei de um episódio, o episódio do Frei Tito que foi também vítima desse processo onde a auditoria mandava de volta o preso que já estava no presídio, mandava de volta para as câmaras de torturas, o Frei Tito, mas tem um outro episódio, o Paulo Vannucchi que foi Ministro do Governo Federal, ele também foi um dos casos graves porque, foi submetido à tortura, como estivesse sido preso naquele momento, com toda a cumplicidade do Nelson Machado Guimarães da Segunda Auditoria.

Mas um episódio grave e que tem muito a ver com prédio, é do Mariane. Ele era Cabo do Exército, o Cabo Mariane, não sei o nome todo dele, era o meu, vivíamos na mesma cela, no presídio e ele foi levado à Auditoria para um depoimento e no depoimento ele falou algo que desagradou lá o Juiz. O Juiz interrompeu a Sessão, mandou o Cabo Mariane para a guarda, lá para baixo e ele foi torturado no prédio da Auditoria, no primeiro andar montada a farsa do Juiz, do conselho de sentença e o Mariane foi torturado em uma salinha lá em baixo, isso no prédio da Auditoria Militar, esse aí da Brigadeiro Luiz Antônio.

Eu também tive uma rebarba disso na minha vida, eu fui prestar depoimento na Segunda Auditoria para esse Juiz e para um Conselho de Sentença de qual fazia parte um militar de nome Roberto Pontuschka, alguma coisa assim, que era do DOI-CODI. Quer dizer, no Conselho de Juízes, porque eles eram considerados Juízes, todos eles, tinha o Juiz togado e os Juízes Militares, então, no meu alto de interrogatório, na Auditoria, tem lá as assinaturas e além do Nelson, do Juiz, tem a assinatura de um torturador que é esse Roberto Pontuschka.

E eu também falei alguma coisa que o Nelson não gostou, ele nunca gostava obviamente e eu no final disse que eu dei o nome de alguns torturadores, mas ele não me deixava falar, ele anotou do jeito que ele bem quis, mas a história mesmo aos solavancos, ela resgata coisas e os nomes que ele anotou, mesmo sendo nomes, primeiro nome, sem sobrenome, enfim, como se eu nessa altura não soubesse quem era os torturadores, eu fui pego pelo Esquadrão da Morte, então o Fleury era vaidoso, ele se apresentava, você pendurado lá no pau de arara, ele perguntava se você sabia que ele era e ele fez isso com vários presos, eu soube, comigo fez também e claro, eu também naquela altura, eu falei não, não faço ideia, porque isso mexia com o Narcisismo do sujeito.

Mas enfim, da equipe do esquadrão da Morte haviam pessoas assim, emblemáticas, tipo Campão que era um sujeito grande, tinha o Tralli, parecia um alucinado e eu dei o nome desses por extenso, o nome todo e dei o nome de alguns do DOI-CODI, alguns Capitães, enfim e depois no final, ele me perguntou se eu tinha mais alguma coisa ainda e ele estava muito bravo, ele tinha um zelo assim em alguns momentos, para dizer o mínimo, maior até que os próprios militares, ele era raivoso.

Eu hoje sou Psiquiatra e Psicanalista e tenho bem claro o tipo, não estou aqui para fazer diagnóstico de ninguém, mas ele era bem raivoso e aí perguntou se então eu queria fazer mais alguma declaração, e eu disse que queria prestar uma homenagem à alguns companheiros que tinham sido mortos e assassinados, enfim, ele não me deixava falar o nome e aí quando terminou a audiência e eu voltei para o presídio, quer dizer, fui levado de volta para o presídio Tiradentes e de castigo eu fui transferido para casa de detenção, porque ele tinha ficado muito ofendido com o meu depoimento, esse era o Juiz.

Bom, enfim essa era a Auditoria, o Deputado está me ajudando dizendo que o nome do Mariane era José Mariane. Ele era do processo da AVPR e eu sei disso porque depois desse episódio na Auditoria, ele voltou para o presídio para a cela onde eu estava, então eu sei da coisa do dia em que isso aconteceu, bom, esse era o parênteses a respeito da Auditoria.

Sobre os companheiros Gelson e Cabral. Eu entrei na Faculdade de Medicina em 1966. A medicina, ela tem um costume, acho que as outras escolas também de

numerar as turmas, eu sou da 54, quinquagésima quarta turma desde a fundação da Faculdade e o Cabral e o Gelson, eles são da turma seguinte, da 55, que eles entraram no ano seguinte ao que eu entrei e logo no começo, nos começos da faculdade e eles eram colegas que se distinguiram. O Cabral tinha na história dele o fato de ter sido aluno do Colégio de Aplicação que naquela época era um colégio Estadual e que tinha uma qualidade de ensino, e mais do que talvez de ensino, uma qualidade de vivência democrática graças à presença de professores especiais, gente preocupada com a formação dos alunos não só com as matérias enfim, mas também com a formação dos alunos como pessoas, como cidadãos e o Cabral tinha sido aluno do Colégio de Aplicação.

Mas ambos da mesma turma, eles já se distinguiram desde o começo por uma vontade de participar do Centro Acadêmico, o Centro Acadêmico da Faculdade, é o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, o CAOC que este ano no mês de Setembro, no dia 14 de Setembro, vai completar 100 anos de existência ininterruptamente, foi um dos Centros Acadêmicos que às duras penas durante todo o período da ditadura, mas que se manteve atuante.

Mas o Cabral e o Gelson em um primeiro momento entraram, a participar do que tinha e do que não tinha no Centro Acadêmico, porque eles eram pessoas muito, de muito horizonte, horizonte muito aberto e em um primeiro momento além de participar, o Gelson não, mas o Cabral participava da atlética e em um primeiro momento participaram ambos do Show Medicina. O Show Medicina é um grupo de teatro satírico também deve ter quase esse tanto de idade, não, tem uns 50 anos de idade ou um pouquinho mais e, mas o Show Medicina é fundamentalmente de satirização das coisas da Faculdade, dos professores e ambos participaram do Show Medicina.

O Gelson, ele tinha muito talento para escrever, para fazer poemas e rapidamente ele acabou participando e sendo o grande animador, a alma do Grupo de Teatro Medicina, que aí diferentemente do Show Medicina, é um grupo de teatro convencional e preocupado em montar e levar peças de teatro, não esquetes de quadros como fazia o Show Medicina e no ano de 68, foi montado a peça Noite de Guerra no Museu do Prado, o diretor, o GTM a essa altura foi D'Aversa, que era um diretor de teatro conhecido e de uma sustância assim, ele era impressionante ele foi o diretor

responsável por essa montagem do Noite de Guerra, e o Noite de Guerra acabou sendo depois encenado em um teatro de São Paulo e com filas e com sucesso, enfim.

Mas o Gelson e o Cabral, ambos participaram como atores do Noite de Guerra no memorial aí onde o Cabral se disse isso, mas o Gelson ou eu bobiei e não ouvi, mas eu não ouvi dizerem isso, mas ele também participou como ator e em 68, todos sabemos, é o ano do AI-5, 13 de Dezembro é o ano do AI-5. Em 68 é o ano do Trigésimo Congresso da UNE e neste ano de 68 houve eleições para o Centro Acadêmico e nós montamos uma chapa concorrente, houve três chapas, uma chapa que era em oposição à situação, o Centro Acadêmico nos últimos anos, nos anos anteriores, desculpe, nos anos anteriores tinham diretorias ligadas à Ação Popular e neste ano de 68, nós apresentamos para as eleições, uma chapa nossa, o Cabral era um dos candidatos à vice-presidente, eu fui candidato a presidente no período que eu ainda estava na detenção, depois do Congresso da UNE.

Eu fui de um grupo que ficou na detenção de Outubro até Dezembro, 60 dias e nesse período nós fomos eleitos. Então eu tive a grande satisfação de fazer parte de uma diretoria na qual o Cabral era um dos vice-presidentes. Mas tem um episódio anterior que é muito ilustrativo e enfim, *né*, que a ditadura com o 477 e com a tentativa de dominar o Movimento Estudantil, havia instituído as tais entidades Chapa Branca. Então os diretórios acadêmicos em contra posição aos centros acadêmicos, um DCE Chapa Branca, o que fez com que o nosso DCE passasse a ser chamado de DCE Livre, que hoje é o DCE Alexandre Vannucchi Leme e enfim, em algumas faculdades, principalmente as mais tradicionais da USP como Direito, por exemplo, esses diretórios acadêmicos, eles acabaram atraindo a direita dentro de cada unidade. Então começou mesmo na minha faculdade, lá na Medicina, havia lá uma situação em que o pessoal de Direita, não propriamente direita CCC, porque essa direita não participava de nada além de invadir a Faculdade de madrugada quebrar murais, denunciar colegas, mas tinha uma direita que era uma direita que de alguma forma estava aí no mesmo balaió, digamos, mas sem essa atividade de quebrar, em certa medida lembra um pouco algumas situações em que tem manifestantes e de repente dos seios vai algumas dezenas mascarados e quebra e enfim, toda vez. Quer dizer, às vezes me pergunto, mas as pessoas não estão sabendo que desse meio já vão sair os mascarados, mas enfim.

De qualquer forma, havia uma prática da direita, de tomarem esses diretórios Chapa Branca e o que eles tinham de interessante? Eles tinham de interessante o fato de que a ditadura dava dinheiro, dava verba para esses diretórios fazerem a sua política de apoio à ditadura, e aí é uma coisa celebre que a gente falava de unir a atividade política clandestina que nessa altura a gente já começava a ter dentro da Ação Libertadora Nacional, a ALN, que era a tal atividade legal. Então lá por meados de 68, a gente conversou e chegou à conclusão de que não tinha cabimento a gente deixar a direita tomar esse diretório acadêmico que era na verdade a representação dos alunos na congregação de professores. Então, embora eles não representassem coisa alguma, eles tinham assento na congregação da Faculdade de Medicina.

Bom, para simplificar o assunto, a gente conversou e o Gelson foi o nosso candidato a Presidente do Diretório Acadêmico em oposição, quer dizer, brigando com o candidato da direita. E é lógico que o Gelson ganhou. Então eu tenho aqui um documento oficial da Faculdade de Medicina que eu pedi depois que eu saí da cadeia, já mais recentemente, onde a secretária da Faculdade de Medicina diz assim, eu que pedi, então ela diz para mim; Atendendo a solicitação de Vossa Senhoria, informamos que o senhor Gelson Reicher foi eleito Presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 16 de Agosto, eu errei o ano, em 16 de Agosto de 1969, e eu falei 68 e me enganei, tendo tomado posse em 18 de Agosto de 1969 para o mandato de Um ano.

Então eu tive a satisfação de compartilhar, porque o meu mandato de Presidente do Centro Acadêmico foi de 15 de Dezembro e até 15 de Dezembro de 70, de 15 de Dezembro de 69 até, desculpe, 15 de Dezembro, estou um pouco confuso, *né?*

De 15 de Dezembro de 68, durante o ano de 69 e era para ir até 15 de Dezembro de 69. Eu fui embora da Faculdade no dia 04 de Novembro de 69, o dia do assassinato do Marighella, então eu não cheguei a terminar.

Mas eu tive então a satisfação de compartilhar aí um período dessa gestão do Gelson como Presidente do Diretório Acadêmico, que a gente brincava, o próprio Gelson declarava isso nas assembleias que ele era na verdade, responsável pelo Departamento de Verbas Oficiais do Centro Acadêmico, porque pela lei, eles continuavam dando dinheiro para o Diretório Acadêmico, agora comandado pelo

Gelson. Então o que eu estava dizendo, que a gente chamava de unir a luta legal com a luta clandestina, enfim.

E o Cabral foi o Presidente do CAOC na gestão seguinte tomando posse em 15 de Dezembro de 69 até 15 de Dezembro de 70, e nesse período tem lá também um episódio também que é paradigmático daqueles momentos e do compromisso ideológico dessa dupla, Gelson e Cabral, compromisso ideológico com os interesses da maioria da população Brasileira e por isso eu tenho certeza que eles estivessem aí hoje, a gente estaria lá em uma grande briga com o corporativismo que graças entre os colegas nessa campanha contra o Programa Mais Médicos aí, que é um assunto complicado. Hoje, exatamente hoje, uma professora da Medicina que tem um cargo, ela mandou lá um e-mail para todos, um comunicado para todos os departamentos do Hospital das Clínicas e dizendo que eles deveriam encerrar as atividades de atendimento, já é a segunda vez, para participar das atividades contra o projeto do Governo Federal, apelidado aí de Mais Médicos.

(Inaudível)

Eu não sei, eu tenho a impressão, o Cabral, ele tinha uma, os pais, enfim, a família de origem, tinha alguma coisa haver com Goiás. Eu não sei se ele nasceu em Goiás ou se ele era nascido aqui e depois foi para Goiás, antes de se mudar para São Paulo, eu não sei responder. Mas eu queria nessa homenagem aqui que eu quero prestar aos dois, dizer da minha convicção de que hoje eles estariam nesse debate a respeito do direito da população de ter médicos e que essa coisa de sem condições, não tem condições e é uma falácia, mas infelizmente assim como a gente tem lá no jardim da Faculdade um monumento semelhante aquele lá do Largo de São Francisco homenageando colegas da Medicina, que morreram em 1932, e olha bem hein, eu não vou aqui elogiar o Getúlio Vargas, não é isso, mas que morreram em 1932 no levante da oligarquia Paulista, morreram então para defender interesses de uma minoria que se assanhava e que se levantou em armas aí contra o Governo Central. São daqueles equívocos históricos, né, e a gente é martelando a vida toda para falar que aquilo foi a Revolução Constitucionalista de 1932, o tal de Nove de Julho.

Eu sou de uma cidade do interior, Taquaritinga, *né*, e lá o colégio do Estado onde eu estudei chamava Colégio Estadual Nove de Julho. A praça central da cidade em frente ao colégio é Praça Nove de Julho e todo o Nove de Julho tinha comemoração, tinha desfile de banda, tinha tudo. A vida inteira você é martelado de que aquilo é uma coisa cívica, a maior manifestação de civismo que o Estado de São Paulo tem aí na sua história, quando na verdade é levante oligárquico onde as pessoas do povo morreram, não estou dizendo que não houve filhos da burguesia, filhos da burguesia que tenham morrido, cá entre nós, não fizeram mais do que a obrigação, estão defendendo interesses da classe que eles pertenciam, mas gente do povo, morrer defendendo interesse da oligarquia, aí é muito.

E lá, então, lá no jardim da Faculdade há monumento de resgate de homenagem aos colegas que morreram defendendo a oligarquia e eu penso que é um, atualmente esse debate tão pintado aí pelo corporativismo da categoria médica, é um infelizmente, é um grande equívoco. E eu tenho uma convicção de que se estivessem aqui o Gelson e o Cabral, estariam aí participando dessas discussões.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Só uma perguntinha, em que ano você entrou na Faculdade?

O SR. REINALDO MORANO – 66.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eles são 67?

O SR. REINALDO MORANO – É.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O Gelson vem aí na biografia que ele era de 49, no início *né*? O Cabral não tem data de nascimento, nós temos a data de nascimento? Tem? Porque, o Gelson nascido em 49, entrar em 66, 67.

O Cabral era de 48? Nossa, eles entraram bem jovens na faculdade. Está bom, obrigado, Reinaldo.

Felícia, Felícia Reicher, Felícia Madeira com a palavra.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Boa tarde. Eu acho muito importante eu estar fazendo essa, estar participando dessa Comissão porque eu acho muito importante para a história, para o nosso conhecimento. A gente está conhecendo exatamente como as coisas aconteceram e acho de extrema importância, eu queria cumprimentar a todos vocês e aí tem aquela frase que a gente deve conhecer a verdade para que esses fatos não se repitam, e aí o Deputado aqui do lado, perguntou se eu tinha assistido ao filme da Hannah Arendt, eu assisti e aí eu comecei a lembrar de que essa frase, que a gente tem que participar para que isso não aconteça nunca mais, faz muito parte da minha vida e certamente fez parte da vida do Gelson, porque todos os anos, meu pai fazia questão que eu e meus irmãos, a gente ia até a Casa do Povo lá no Bom Retiro porque meus pais são Poloneses, Judeus Poloneses e a gente ia ver o levante do Gueto de Varsóvia.

Tem várias cenas que estão naquele filme O Pianista, então todos os anos a gente e meu pai dizia assim para a gente; A gente tem que ir, é horrível, *né*, crianças assistindo aquilo, mas o meu pai dizia para a gente, a gente tem que ir porque, para isso não acontecer mais. Vocês são responsáveis para transmitir para os seus filhos e para todos que isso não pode mais acontecer.

Então, eu estou contando um pouquinho isso para contar o clima, quem antecedeu o médico, qual o seu nome? Ele contou um pouco da vida do Gelson na Academia que eu acompanhei um pouco, porque na época eu fazia Ciências Sociais, entrei na faculdade em 62, então, é claro eu acompanhei tudo isso de perto, mas já em 68 eu estava casada, com filhos, tal e fui ver essa peça de teatro, conheci essa peça, mas o Gelson tinha essa atividade tão intensa na Faculdade, que a gente da família não sabia muito do que acontecia.

Mas, então meu pai tinha essa, quando ele veio da Polônia, ele tinha essa formação de Esquerda, *né*, tinha essa coisa muito forte da história e do papel nosso na

história, mas isso, tanta a minha participação na política como meu pai com a história dele, eu lembro de meu pai dizendo assim que talvez ele tivesse sido responsável pela participação do Gelson, então uma coisa assim meio, eu lembro do meu pai chorando, falando isso porque, enfim, ele dizia isso para a gente todos os anos.

Então eu estou me sentindo aqui, um pouco repetindo o meu pai, eu acho que é extremamente importante esse papel que a gente está fazendo de deixar para a história, exatamente o que aconteceu na esperança de que isso não venha mais acontecer.

Mas eu só queria complementar algumas coisas, eu não sabia, vários depoimentos aqui a respeito da vida acadêmica do Gelson, eu não conheci, mas conheci muito da infância dele, ele não estudou no Colégio de Aplicação, mas estudou no Colégio Alexandre Gusmão, Colégio Estadual Alexandre Gusmão, que era um colégio no Ipiranga onde a gente vivia e ele foi um aluno brilhante. Eu estava contando para algumas pessoas antes da gente fazer o depoimento que, vocês devem lembrar, vocês que eram da geração dele, tinha aquele programa na televisão, que era o Sabatina Maisena, que os alunos faziam disputas, o Gelson ganhou várias vezes, vários anos, então ele sempre foi uma pessoa assim extremamente brilhante, *né*, foi, ele era muito mais nove que a gente, foi o filho temporão da minha mãe e como ele era assim bonito e muito inteligente, a gente sempre considerava o Gelson um presente que a família tinha tido, a minha mãe, depois de uma certa idade, era assim que ele era considerado.

Bom, então, a perda foi do tamanho da expectativa. A perda foi assim realmente muito dura. E a morte dele, na verdade teve alguns aspectos dentro do drama todo, alguma coisa assim meio que fantástica, que é a história do Isaac Abramovitch meio fantástica, porque o Isaac era o nosso vizinho, ele era cunhado da Iara Iavelberg. O primeiro marido da Iara era irmão da mulher do Isaac, o primeiro marido da Iara era médico e eles três iam para a Faculdade de Medicina, o Isaac, o Samuel e o Gelson, então às vezes eles iam juntos, às vezes iam separados e usavam a mesma garagem que era de uma casa, não era do prédio como está aí no depoimento, *né*, usavam a mesma garagem.

Bom, no dia seguinte que apareceu, logo que apareceu a morte do Gelson no jornal, meu pai também tinha recebido um telefonema da organização que ele tinha sido morto. Meu pai vai tirar satisfação junto ao Fleury, vê as fotos e chega em casa e diz

que não é o Gelson, que não é o Gelson, que tinha certeza porque ele viu as fotos, que tinha um engano nisso daqui e tal e ficamos assim todos muito eufóricos e algum, sei lá, algumas horas depois ligou o Isaac, foi ele quem ligou para a gente. Ele ligou e disse, não, que era ele mesmo, que ele tinha feito a autópsia e que ele estava trabalhando para ajudar a gente a recuperar o corpo e foi assim que o corpo foi recuperado.

Eu não vi o Gelson, eu não vi porque eu estava grávida, meu filho nasceu cinco dias depois da morte do Gelson, mas várias pessoas, amigos meus que viram o corpo do Gelson naquela ocasião da morte dele, não levantaram nenhuma hipótese de tortura. Quer dizer, isso aqui realmente, todo esse depoimento foi uma novidade para mim porque viram o corpo, e enfim, era assim, isso que eu teria a acrescentar, ao que vocês já conhecem e terminar realmente parabenizando pelo trabalho.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Felícia, deixa eu perguntar um pouquinho se você puder responder. Quando o pessoal da família da Iavelberg veio aqui fazer o depoimento sobre a Iara, os sobrinhos, os irmãos, você aparece o tempo todo com a família Iavelberg, o Gelson, embora vocês sejam de uma outra geração, o Gelson também tinha contato com os Iavelberg, porque eu sou da Vila Prudente.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Você da Vila Prudente e a gente era do Ipiranga, vizinho.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E aquela senhora que veio aqui, chefe de gabinete, a Chaia, ela é lá do Ipiranga, estudava com os Iavelberg e nós convivemos o tempo todo juntos, desde muito cedo. Eu vou falar no microfone.

O SR. REINALDO MORANO – Eu queria falar uma coisa, era colega de turma deles o Raul, o Raul Iavelberg, irmão da Iara. O Samuel não, o Samuel não era da Faculdade.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Não, o Samuel era jornalista.

O SR. REINALDO MORANO – Sim, ele era jornalista, mas o Raul era da mesma turma.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Então, nós éramos todos vizinhos. Nós éramos todos vizinhos assim, a gente morava em um gueto, realmente um gueto, um lugar, porque a imigração, a imigração Judaica se dá como todas as imigrações, você tem um ponto de apoio e as famílias vão com, digamos, os parentes que imigraram antes, *né*, e aquele, a gente morava na Silva Bueno e aquele pedaço todo era um gueto muito especial. Eu acho que saíram gentes interessantes daquele lugar. Eu acho que tem três gerações aí, *né*, digamos assim, eu sou um pouco mais velha que a Iara, mas nós fomos muito amigas de adolescência, na adolescência e essas fotos que aparecem, são fotos minhas e dela na adolescência, e o Gelson era muito amigo do Raul, mas isso, talvez você possa me explicar melhor que eu não sei por que aconteceu, quando eles entraram na Faculdade que coincidentemente foi no mesmo ano, na mesma época, ele não era tão próximo do Raul, pelo menos eu não ouvia ele dizer e tem uma coisa, meu pai insistiu muito para que o Gelson saísse do Brasil.

Eu não acompanhei isso aí, meu pai me contou depois, ele chegou até a conseguir algum dinheiro para fazer com que o Gelson saísse do País, o que ele se recusou. O Gelson se recusou a fazer isso e ele sabia que o Raul tinha saído. Naquela época, eu não sei exatamente o que aconteceu entre eles. Bem, a Iara casou-se muito cedo e eu fui para outro caminho, mas eu fui muito próxima dela só na adolescência e depois, durante a Faculdade a gente se encontrava aqui em uma *cinematéca* da vida, em uma palestra ou alguma coisa desse tipo, mas perdi meio o contato com ela e eu sentia que o Gelson, talvez você possa me explicar porque eu não era muito próxima do Raul não, eu não sentia os dois. Eu lembro de conversar com ele e não se referia muito.

Não vi mais o Raul, veja, aí tem uma outra coincidência que é o seguinte, é que quando o meus pais já estavam muito doentes, eles foram para o Lar dos Velhos, que é

uma organização Judaica, tal de abrigo à pessoas idosas e os pais da Iara, a Dona Eva e o seu Davi, estavam juntos com os meus pais lá naquela ocasião e aí, naqueles dias às vezes, quando eu visitava a minha mãe, acontecia do Samuel, que a gente chamava de Melo, também está lá e tal e também isso esporadicamente eu encontrava com eles. E algum tempo atrás, acho que há umas duas semanas vendo aquele canal Arte Um, eu vi esse documentário que a sobrinha, *né*, a sobrinha da Iara teria feito e levei o maior susto, imagina ligar a televisão e ver a sua foto de adolescente na televisão, foi uma coisa assim muito impressionante, na hora eu nem tinha percebido que era uma coisa relacionada à Iara.

E também daquele pedaço da gente, muito próximo da gente era o Chael também. O Chael, os pais do Chael, principalmente a mãe do Chael morava assim muito próximo, esqueci, esse gueto tem uma contribuição importante para a história desse País. Mas era um lugar assim muito intenso e eu acho que tinha um estímulo muito grande naquele lugar, pois o meu pai desde pequeno dizia assim para mim, eu acho que um pouco da história Judaica, ele dizia e eu tenho a impressão que os outros pais diziam isso também que era assim; Você tem que estudar, você tem que conhecer muito, porque um dia você pode ser expulsa de algum lugar e só tem uma coisa que você pode carregar com você que é seu conhecimento.

Então, eu acho que aqueles Judeus que saíram e viveram aquela situação, passavam isso muito forte para a minha geração, muito forte e eu acho que daquele pedaço saíram pessoas assim interessantes, até um psiquiatra também, que agora eu não lembro o nome dele também e é uma pessoa muito importante também daquele nosso pedaço que era a Rua Silva Bueno, 317.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quer falar alguma coisa dessa fase?

O SR. REINALDO MORANO – Não, eu tenho impressão que na Faculdade começou a ter um peso aí. Os núcleos no qual você fazia parte, então, o Raul, por exemplo, ele não foi do GTM, ele não participou do Show Medicina, ele no Centro

Acadêmico, eu tenho a impressão de que ele era mais próximo de uma outra tendência política, o que acaba também por.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Para mim era um pouco surpreendente *né*, que a gente tinha essa ligação tão forte na infância, que eles eram vizinhos, o Raul passou a infância na minha casa e depois eu senti assim, é bom, mas eu vivi essa época *né*, porque nos dias de divergências políticas, eram grandes divergências aquela época, eu vivi isso daqui, as pessoas eram quase inimigas *né*, então eu senti que ele não tinha proximidade com o Raul assim como eu fui me separando da Iara no processo, a gente se encontrava muito em eventos culturais.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Muito bom. Bom, vamos continuar a nossa vida, não é? Ainda nesse ciclo familiar, antes de passar a palavra para o nosso companheiro da UNE, você poderia interromper um pouquinho a filmagem para vir um pouquinho falar? Fale daqui, é melhor, eu sei que é tão pouca coisa, mas sobrou tão pouca coisa? Fale um pouco. Fale o teu nome, eu sei, mas é importante.

O SR. GERALDO BLAY ROIZMAN – O que eu tenho para falar é mínimo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – É o Geraldo Blay Rozman? Fale um pouquinho.

O SR. GERALDO BLAY ROIZMAN – O que eu tenho para falar é mínimo, eu já falei para a Felícia que eu, a minha motivação para estar aqui hoje e para ter motivado alguém a falar com a Felícia, alguém a contatá-la aqui, o meu pai, eu me lembro com sete anos, o meu pai indo com o meu tio Edmundo e com dois carros de policia no Cemitério Israelita São Paulo e ele vem em casa, meu pai com as limitações

dele, ele me contou e para mim, um menino de sete anos foi muito impressionante, isso eu me lembro até hoje. Então esse é o depoimento que eu tenho.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas só explica um pouquinho melhor, fale o nome do seu pai, do seu tio.

O SR. GERALDO BLAY ROIZMAN – Do meu pai, Itic Roizman, ele era cunhado do Edmundo, o nome inteiro do Edmundo.

(inaudível)

O Edmundo, era tio do Gelson.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – O meu pai, ele era irmão do meu pai.

O SR. GERALDO BLAY ROIZMAN – Irmão do seu pai.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Meu tio muito querido, o meu tio Edmundo era muito querido.

O SR. GERALDO BLAY ROIZMAN – Igualmente. Então foi isso, eu com sete anos, eu nunca me esqueci desse fato, que é um fato muito marcante para mim e existia todo um clima terrível que meus próprios irmãos, o meu pai fazia de tudo para eles não saírem de casa, os meus irmãos eram mais jovens, provavelmente muito mais

jovens que o Gelson, deviam ter 16 ou 17 anos, meu irmão Luiz e minha irmã Maísa e era uma luta para eles ficarem em casa e não saírem de casa. Então eu me lembro desse período, para mim, eu com sete anos, eu me lembro perfeitamente desse terror nesse período.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Está bom, eu só queria concluir com o Carlos Menegozzo, da Comissão da Verdade da UNE, fez questão de vir aqui fazer esse depoimento hoje, e eu vou passar a palavra. Só queria anunciar aqui os cinco jovens aqui de um colégio, qual é o nome do colégio? Renovação, que vieram assistir a Sessão de hoje e estão acompanhando isso como parte do trabalho curricular deles a Sessão de hoje. Nós vamos conversar com vocês a hora que terminar. Então vamos lá, Carlos Henrique Menegozzo da Comissão da Verdade da UNE.

O SR. CARLOS HENRIQUE MENEGOZZO – Bom, boa tarde a todos os presentes. Eu queria começar agradecendo a oportunidade de compartilhar com vocês esse momento, que é um momento assim de emoção também de lembrar e relembrar uma história e é de muito orgulho também de a gente poder relembrar duas trajetórias tão importantes e exemplares sobretudo para as gerações que estão chegando.

Eu trago aqui um depoimento breve, sou ex-estudante, estou afastado do movimento estudantil fazem uns bons anos, me formei há uns dez anos atrás, mas sou Sociólogo e integro, sou um dos coordenadores técnicos da Comissão da Verdade da UNE, vim contar um pouco aqui do, primeiro trazer uma mensagem de homenagem, a gente fez uma reunião hoje de manhã com a Vic, que é a nova Presidente da UNE, eleita há alguns meses, a gente combinou a nossa presença aqui hoje, então eu trago uma mensagem também em nome da Presidência da UNE, uma saudação a esse evento e o combinado aqui foi eu trazer um pouco, um depoimento rápido sobre o que tem sido o trabalho da Comissão da Verdade da UNE e trazer um depoimento breve que ajudasse a contextualizar a presença desses dois camaradas que a gente homenageia hoje, o contexto do movimento estudantil da época, esse é um trabalho que a Comissão da Verdade da UNE está fazendo, não só a se dedicar às biografias de alguns militantes, mas também a um contexto geral que é pouco conhecido da pesquisa histórica, da

pesquisa histórica. Então a minha contribuição vai um pouco nesse sentido, de contextualizar a presença deles no movimento em um quadro mais amplo. Bom, a Comissão da Verdade da UNE, ela foi formada no começo desse ano e tem três objetivos principais.

O primeiro é montar um relatório de alguns casos mal resolvidos sobre militantes que tiveram a participação decisiva na construção da entidade e o principal deles é o caso do Honestino Guimarães que é um caso ainda não resolvido, a gente produziu um primeiro relatório sobre o caso Honestino Guimarães que foi apresentado no Congresso da UNE que aconteceu há poucos meses e a UNE lança uma campanha que é pela localização da ossada do Honestino. Há indícios de que ela possa ser localizada, então estamos em uma campanha para a localização do corpo dele. Então a primeira tarefa da Comissão da Verdade da UNE é produzir esses dossiês, esses relatórios individuais sintetizando o que se sabe sobre casos pouco ainda a se resolver.

Uma segunda tarefa é onde se insere esse depoimento breve que eu trago hoje, é o esforço que a gente está fazendo de recolher informações sobre a trajetória da União dos Estudantes e do Movimento Estudantil como um todo em um período um pouco conhecido da história do movimento que está compreendido entre 1969 e 1973. Esse é um período de existência real da UNE com muitas dificuldades, às duras penas, mas é um período de existência que a própria esquerda desconhece. Muita gente toma o de 68 e a repressão do Congresso de Ibiúna como sendo um marco de desmantelamento da UNE, mas ela segue existindo durante alguns anos e tanto o Cabral quanto o Gelson, eles estão inseridos em um contexto e em uma entidade que é o CAOC que deu uma grande contribuição de sustentação política e material da UNE neste período difícil da ditadura, cumprindo uma tarefa das mais difíceis e que era uma tarefa no limite, vamos dizer assim entre a legalidade e a clandestinidade, um contexto de muita exposição.

Um terceiro objetivo da Comissão antes de eu falar um pouco deste contexto histórico de como os dois se inserem nisso, um terceiro objetivo da Comissão é o de justamente promover um debate político sobre a trajetória deles, *né*, em um esforço de ampliar o conhecimento nas gerações que chegam, sobre os nossos referenciais históricos nos quais a gente muito se orgulha, falo como ex-estudante, falo também em nome da Presidência da UNE.

Então, considerando esses três objetivos, se eu tivesse esse tempo, eu gostaria de compartilhar com vocês algumas informações que a gente tem recolhido sobre.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Vamos fazer o seguinte, eu queria pedir desculpas, eu quero fazer uma especial da UNE e tal, nós queremos fazer uma especial da UNE e tudo o que vão abordar, mas como hoje é uma coisa assim muito específica desses dois companheiros, do Cabral e do Gelson, eu gostaria de convidar vocês a fazer uma Sessão específica na relação da Comissão Estadual de São Paulo com a Comissão da UNE e discutir todos esses companheiros. Tudo bem? Então eu queria, para não truncar o depoimento, que aqui tem uma relação muito forte nisso, deixa eu falar de um jeito mais tranquilo, Reinaldo, é o seguinte, como você é um desses veteranos dos mais emblemáticos, mais importantes dessa geração e como tem muita coisa que o Gelson escreveu e coisa do Cabral que também não foi recuperada, eu queria ver, nós tentamos para essa Audiência ver se o GTM recuperava os textos que o Gelson produzia, porque eu entrei na USP em 69.

Logo que eu entrei na USP, eu fui apresentado ao Gelson e ele trazia todos aqueles textos, toda aquela riqueza de trabalho para fazer a recepção aos calouros e tal e também tive contato pouco com ele e com o Cabral não tive nenhum, mas você é o grande, grande, vou começar a adjetivar você, pelo menos veio antes deles e todo o trabalho que a gente fez para recuperar os textos do Gelson e do Cabral, não foram, então isso é uma coisa importantíssima para a gente nessa recuperação da memória dos companheiros, que você pudesse nos ajudar. Ir atrás desse material, trazer o pessoal se a gente até puder trazer o pessoal dessa turma que tem esses textos, viu, porque os textos do Gelson eram realmente de uma qualidade impressionante, embora ele não fizesse o tipo de trabalho de teatro que a gente fazia lá no campus.

E, Felícia, como foi importantíssima a sua vinda aqui, não é sempre que é possível contar, eu queria que você falasse um pouquinho mais, porque eu sou uma pessoa que da hora que acordo à hora que vou dormir, eu tento conseguir informação sobre esse personagem controverso aí, esse senhor o Dr. Isaac Abramovitch, principalmente aquela clínica que ele tinha lá na João Moura, aquela coisa terrível que ele tinha lá na João Moura pós-ditadura, né, e a gente teve desde o tempo do Roberto

Gouveia, a Amelinha, eu, a gente tem aquela preocupação com o IML, com tráfico de órgãos, o que estava por traz daquele IML que tinha a faixa da legalidade de IML, mas tinha uma coisa gravíssima lá de venda de órgãos, aquela coisa toda que o Shibata e o Abramovitch, então esses dois personagens macabros, Isaac Abramovitch e Harry Shibata, são personagens que eu acho que um dia o Brasil vai analisar dentro desses caras da humanidade que mais prejuízos trouxeram.

Então, o Chael é uma pessoa que tem pouca coisa dele também, só aparece alguma coisa lá na Santa Casa e é uma história muito curta, muito restrita, eu lembro do Chael, então eu queria que se você pudesse falar um pouco nessas raras oportunidades que você fala de público e tal e por isso é importantíssimo a sua presença aqui hoje para que você pudesse falar um pouquinho dessa Comunidade Judaica lá do Ipiranga e um pouquinho do Chael. Só um pouquinho, te peço, se é que você pudesse falar um pouquinho mais do Chael e de vocês para encerrar.

Então eu queria pedir essas duas coisas, Reinaldo, para concluir de você a recuperação do material do Gelson e também do Cabral lá da Faculdade. Nós temos tido dificuldades pra ter acesso ao GTM e tal e se você podia concluir falando um pouco daquela diáspora, aquele gueto lá.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Bom, eu acho que a gente explorou bem essa ideia, do gueto, sou eu quem falo *né*, ninguém antes falou, mas nós discutimos muito isso na ocasião em que a Judith Patarra escreveu aquela biografia da Iara e eu inclusive falei muito com a Judith e com uma prima do Chael, que é a Shirley Schreier que a gente devia escrever alguma coisa sobre o significado que tinha aquela imigração, aquele conjunto de pessoas que traziam uma história muito forte e passavam de alguma forma o sentimento, digamos no mínimo humanista *né*, para todos nós, *né*, a Shirley foi colega, me foge o nome, mas é irmã do Bernardo Kucinski, como que é? Ana Rosa, a Shirley era muito amiga, ela fez Química, era muito amiga da Ana Rosa.

Então, nós éramos, alguma coisa tinha naquela comunidade entende, que nos fazia refletir sobre o mundo *né*, e naturalmente jovens.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Desculpa, perdi. A Ana Rosa, eles também eram de lá? Os Kucinski?

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Não, não era, mas a Shirley que era de lá, era muito amiga da e é prima do Chael.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – A Shirley Schereir?

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – É, Shirley Schereier. É, eu acho que talvez vocês pudessem falar com ela aqui, que ela é muito mais próxima, sabe muito mais da história do Chael.

Bom, então eu sempre achei, quer dizer, ainda brinco frequentemente que a gente fala como era importante. Há pouco tempo uma pessoa lá do Ipiranga que é o Jacó, escreveu um livro sobre, sobre, mas eu vou lembrar daqui a pouco e, mas ele enfim, é uma pessoa assim muito simples, ele teve a sensibilidade de perceber que tinha alguma coisa de interessante. Eu cheguei até pensar em escrever sobre o que podia ter, sei lá *né*, porque tem alguma coisa desse tipo, por exemplo, a Shirley também ia para todos os anos nessa comemoração do levante do Gueto de Varsóvia, você imagina o bando de criança que ficavam lá e meu pai, quando veio para o Brasil.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Onde era mesmo?

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Era no Bom Retiro.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Era no Taib?

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Era no Taib mesmo, no Taib e meu pai quando veio para o Brasil, na verdade ele veio por conta da, já em um avanço muito grande do Nazismo tal, mas meu pai, da família dele foi o primeiro a vir para cá exatamente porque ele era perseguido porque era comunista, meu pai era alfaiate e meus outros tios que é o tio dele, vieram depois. Mas meu pai foi o escolhido da família para vir antes exatamente porque ele tinha dois tipos de perseguição. Então a perseguição pelo fato dele ser Judeu e porque enfim, ele não tinha uma participação muito intensa, mas era a posição dele, que ele se manifestava algumas vezes.

Quando a família teve que escolher quem tinha que vir antes o meu pai foi escolhido por esses dois motivos e eu acho que meu pai, tio do Chael, pai da Shirley e outros que já vinham com essa história de lá, tinha outros que não, então passaram alguma coisa para a gente, eu acho que tinha, porque digamos assim, você tem uma concentração grande de pessoas e é meio inacreditável que tenha a história, quer dizer, que a Iara seja aminha amiga, que seja amiga da prima do Chael, do Gelson.

Agora, realmente o Gelson não quis sair do Brasil, ele não saiu porque não quis, porque meu pai se esforçou muito, coitado e ele realmente não quis. Agora talvez, nós não soubéssemos tão profundamente o nível de envolvimento que ele já tinha, porque o que chegava para a gente é mais esse lado de participação cultural dele. Eu vim meio despreparada para falar sobre isso, mas essa coisa lá, eu gostaria de ter escrito alguma coisa maior sobre essa nossa história lá no bairro do Ipiranga, mas acho que não vai ser mais eu para escrever.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Mas você lembra assim, quando foi o período assim que seu pai mais foi chamado a atenção dele, para ele querer que o Gelson sáísse do País? Você lembra disso?

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Não, não é que, provavelmente que o Gelson conversava com ele mais do que comigo, o meu pai provavelmente conhecia mais o envolvimento dele do que eu. Assim, tem duas coisas, um pouco eu era preservada dessa vamos dizer assim, dessa tensão mais familiar porque eu estava

grávida e então eu acho que nesse momento mais pesado, eu acho que eu era um pouco preservada, agora, eu tinha uma certa tensão também com o Gelson porque, digamos política, porque eu não acreditava nessa saída digamos armada, eu já não acreditava mais, eu participei, participei muito dessa coisa de esquerda, eu tinha um grupo de estudo de Marxismo, o professor Paul Singer, eu participei muito disso, mas já na época então eu tinha assim uma tensão com o Gelson com relação à isso.

Então, ele, por exemplo, vinha me visitar, a sobrinha dele que era a minha filha que ele adorava, quando eu não estava em casa para a gente não discutir.

(inaudível)

Não, a gente brigava muito e então talvez eu realmente não sabia, eu fiquei assim muito surpresa quando eu vi. Eu lembro que uma das últimas discussões que eu tive com os meus pais, é que eu tinha recebido de herança da minha avó um desses, tipo edredom, mas que era com pena de ganso da Europa, que ela trouxe da Europa que eu adorava. Então aquilo lá era meu, uma coisa super fofo que eu adorava e tal e um dia estava fazendo frio e eu fui lá em casa pegar e tinha sumido, não estava lá. Aí a minha mãe falou; Ah, eu acho que o Gelson levou. E eu imagino que ele levou porque já devia estar dormindo em alguns dessas coisas muito frias e escondidas e tal, mas na época eu lembro que eu briguei, mas como é que você deixou ele levar, porque era meu, era uma herança minha e tal.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ele saiu de casa antes? Ele ficou até o último dia em casa?

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Não, não, ele saiu de casa antes. Ele saiu de casa antes, mas meu pai não dizia isso, então eu acho que quando ele saiu de casa, ele levou essas coisas inclusive esse meu edredom, digamos assim. Porque eu só sei o nome (ininteligível), mas eu estava assim tão alheia a esse nível de participação

dele, porque é diferente uma família que você não tem, quer dizer, que era a pessoa que estava completamente fora desse processo que estava acontecendo. No caso do Gelson não era *né*, eu já tinha passado pela, enfim, eficiências sociais, participei daquelas brigas com o Mackenzie, mas já na época dele, eu já tinha seguido outro caminho então a gente discutia bastante isso e eu não sei se por uma questão de proteção e tal, mas eu realmente não tinha a sensação no de envolvimento dele, realmente não tinha, o dia em que eu abri a porta do apartamento e vi aquela foto no Estadão, foi inacreditável *né*, e existia aquele clima, todo mundo que viu aquela foto, meus pais ficaram isolados naquele prédio, todo mundo tinha medo de falar com eles e os nossos amigos, eram amigos que não podiam aparecer lá porque eram pessoas que tinham uma história de envolvimento.

Então eles ficaram assim, absolutamente isolados, teve só uma pessoa, um amigo nosso que já faleceu, muito querido que disse assim; Alguém tem que ficar com os pais da Felícia, alguém tem que ir lá. Porque não tinha, meu pai não sabia nem como, enfim, meu pai, ele chegou aqui já tinha uma certa idade e tal. Então foi um amigo nosso que também tinha um passado de envolvimento, mas ele foi lá ajudar o meu pai, ele foi até o Fleury com o meu pai e tal e eu não fui, foi ele quem foi. Mas foi assim, e aí quando o meu pai chegou dessa visita e disse que não era o Gelson, todo satisfeito, me lembro de todos nós no apartamento comemorando, quando o Isaac ligou.

Agora, o Isaac era uma pessoa lá da comunidade mais distante, não era uma pessoa com quem se dava, ele casou com uma vizinha minha, casou com essa vizinha minha que por acaso era irmã do Samuel que casou com a Iara. Eu rompi com a Iara quando ela casou, porque eu achava que ela não devia se casar com esse cara, umas coisas assim meio de briga de amiga e a partir dali é eu me distanciei, eu me distanciei bastante dela, também fiquei surpresa com o caminho dela, eu não sabia do envolvimento.

Bom, e a minha filha nasceu no dia em que mataram o Marighella, dia 04 de Novembro de 1969. Eu estava na maternidade quando eu fiquei sabendo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Felícia, deixa eu só te perguntar. Como é que era o nome da esposa do Isaac? Ela era irmã do primeiro marido da Iara, não é? O médico.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Era. Era o Samuel Halberkon, a Iara ficou muito pouco tempo com ele, o Samuel Halberkon. A irmã dele chamava Gisele e ela, acho que ela ainda é casada com o Isaac, não sei.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Ele já faleceu, viu.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Ah, ele faleceu?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Faleceu.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Eu não sabia que ele, eu não conheço nem os filhos dele, eu nunca vi essa família ainda mais depois desse acontecimento do Gelson, não tive mais contato nenhum com eles.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você não frequentava a casa dos Schnaiderman, não é? Do Boris e da esposa, que ela dava aqueles cursos que a Iara ia? A esposa do Boris, a menina, a psicóloga é a Miriam Schnaiderman, não é? A esposa era a Regina? Essa geração dos.

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – A minha história com a Iara é assim.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Estou perguntando de você, não de você com a Iara, com os Schnaiderman você não tinha contato?

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Não. Eu conheço de nome, eu os conheço de nome, mas eu não tive um contato mais próximo com eles.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – E com o professor Paul Singer?

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – O professor Singer, é o seguinte, é porque eu sou demógrafa e uma vez eu, isso foi em 67? É em 67 quando eu namorava e queria casar com o Madeira, eu fui procurar emprego e ele trabalhava na Saúde Pública e ele estava fazendo uma seleção de pessoas para trabalhar com ele, ele fez uma seleção e eu fui escolhida, fui bolsista do professor Paul Singer lá na Faculdade de Saúde Pública e aí fiquei amiga dele, escrevemos uns três trabalhos juntos. Mas a gente tinha uma atividade extra trabalho, lá do SEBRAPE, também fui aluna do Fernando Henrique, trabalhei com a Ruth Cardoso, mas e aí eu fiquei meio próxima do professor Paul Singer, a mulher dele, a Melanie, que eu adorava e a gente tinha um grupo de estudos na casa dele de Marxismo, então a gente lia Marx, lia Hannah Arendt, lia sei lá, lia tudo, O Capital de Frente para Trás de, ele lia em alemão para a gente, é muita história.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – O Reinaldo, depois o Menegozzo volta para falar do Gelson.

O SR. REINALDO MORANO – Eu queria dizer uma coisa aqui dos depoimentos e enfim, ressalta uma descrição do clima de medo, quer dizer, o que a Felícia conta e as pessoas deixarem de prestar solidariedade até num espírito mais de

fraternidade com os pais dela que tinham acabado de passar por essa experiência terrível do assassinato do filho e do clima de terror que se vivia impedindo as pessoas de frequentarem a casa de amigos. Então hoje, hoje quando se fala da ditadura, eu vim de taxi para cá e o motorista do taxi fez uma brincadeirinha a respeito da volta dos militares e eu perguntei, que idade você tem? Eu perguntei para ele, porque é uma brincadeirinha, brincadeirinha, mas calma lá, porque, não, eles botaram ordem, mas botaram ordem? Eles eram uma ordem de cemitério, a tal da paz do cemitério. Não mas não sei o que, veja, pegue alguns indicadores, dívidas externa do Brasil, com aquele programa nuclear, comprava sucata do imperialismo, mundialmente o que fez com que a dívida externa do Brasil e a história da corrupção? Quer dizer, de repente passa como se fosse umas vestais *né*, eles têm um patrono mundialmente, talvez o Pinochet.

A fortuna do Pinochet no exterior da família, quer dizer, o quanto que Pinochet roubou do Chile, além de ter feito o que fez com a alma do País *né*, mas enfim, eu queria primeiro insistir nisso, no clima de terror que se vivia, então quando se fala hoje essa irresponsabilidade de fora, um governante eleito, espera a próxima eleição e lança o seu candidato e vá para a rua, defenda, fora o que, é o Egito? O sonho é repetir aqui essa coisa que ocorreu no Egito?

Mas isso era uma coisa que eu queria dizer e de algo que eu me lembrei, eu fuçando em todos os meus guardados lá, eu achei uma foto com o Cabral, uma. Por quê? Porque a gente não tirava foto, uma das coisas era não tirar foto para não deixar o vestígio da foto. Então, de todos os meus anos de convivência com a Cabral, eu achei na minha casa uma foto. É uma foto engraçada, porque a gente está em um grupinho conversando do lado do busto do Arnaldo lá na, o busto do Arnaldo também é um ícone lá da Faculdade, é aquele busto que tem na entrada da faculdade. Teve uma turma que pegou o Arnaldo, o busto e saiu passeando com ele pela cidade, passeando e fotografando. Então tirou foto com o Arnaldo no vão livre do MASP, tirou foto com o Arnaldo em alguns lugares importantes de São Paulo e depois devolveram o Arnaldo lá para o pedestal. A justificativa era que fazia anos que eles viam o Arnaldo olhando para aquela Dr. Arnaldo sem poder sair de lá, então eles tinham levado o Arnaldo para passear.

Mas é uma foto com o Cabral lá do lado do busto do Arnaldo e uma outra coisa que eu queria dizer, porque eu queria registrar, é que na gestão do Cabral em 1970, eu

estava fora, eu já estava clandestino, o equivalente do Alfredo da Auditoria, aquele maligno, maléfico lá da Auditoria, nós tínhamos na medicina um equivalente que é o Secretário Dante Nezi, era tão maligno e maléfico quanto o Alfredo e em 1970 com o recrudescimento da repressão, o Dante Nezi, o Secretário de comum acordo com a Diretoria da Faculdade, colocou uma corrente de ferro e um cadeado na entrada do Centro Acadêmico independente da Faculdade.

Não sei quem conhece, mas o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, o CAOC, ele tem uma localização incrível, ele ocupa o porão daquele prédio da Faculdade de Medicina, na verdade não é um porão, é um porão no estilo antigo e até por força da lei da gravidade *né*, que puxa para baixo, nos intervalos de aulas em que todo mundo desce, então o Centro Acadêmico de Medicina da USP é um dos lugares mais frequentado de toda a Faculdade e sempre teve lanchonete, tinha barbeiro no meu tempo, mesa de sinuca, bom, enfim, mas o que eu queria dizer é que uma entrada lá para baixo é bem sopo da escadaria daquele prédio, que hoje está restaurado, então é uma escadaria que vem lá do quarto andar e ela vem vindo, vem vindo e desemboca numa entrada em uma outra escada que vai para o Centro Acadêmico.

Essa é uma entrada que depende de a Faculdade estar com as portas abertas durante o dia, no horário de funcionamento da Faculdade, mas do lado do prédio da Faculdade tinha uma entrada nossa, dos alunos para o Centro Acadêmico e o Dante Nezi e mais a Diretoria resolveram botar lá, houve muitos corajosos, aqueles ídolos de 70, 71 escorados aí nos milicos *né*, nos militares. Então eles passaram uma corrente de ferro e colocaram um *cadeadão* e o Cabral, o Gelson, o Antônio Carlos Madeira que é um também da turma deles, da 55, arrumaram lá uns equipamentos, arreventaram a corrente e foram entregar na Diretoria da Faculdade e dizendo que a nossa entrada no CAOC, eles não iriam barrar.

Essa é uma das ações desse pessoalzinho *né*, responsáveis pela existência então nos 100 anos do CAOC, pela existência ininterrupta do Centro Acadêmico e eu tenho essa ideia de que já, mesmo antes do AI-5, o CAOC era importante nas relações com o DCE, com EE, com a UNE, de lá saiu o Alon, depois veio ser o presidente da UNE e o CAOC tinha algumas fontes de renda, não só o dinheiro da ditadura via Diretório Acadêmico quando o Gelson foi o presidente, mas tinha fontes de renda, tinha um baile famoso chamado Esqueletos, que dava grana, a gente cobrava, enfim, tinha fontes de,

como se diz hoje, de sustentabilidade e dava também para a gente colaborar com as entidades com as quais a gente se relacionava. Bom, mas era isso.

Ah, e o material do GTM eu me comprometo, eu sei onde eu posso bater para pedir, é um colega daquela época, eu sei que ele tem muito ciúme do material, mas a gente se compromete, faz cópias e enfim, eu me comprometo com isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – (Inaudível) mas você vai escrever?

A SRA. FELÍCIA REICHER MADEIRA – Pois é, por enquanto eu estou escrevendo sobre estatísticas oficiais, mas se eu tivesse o veio do Gelson para escrever, talvez eu escreveria, mas ficou tudo com ele, não vou, mas é uma boa história.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você fala muito bem. Bom, então eu acho que o pessoal da UNE quer fazer uma fala específica especial neste caso dos estudantes de medicina, o Menegozzo quer falar alguma coisa sobre isso?

O SR. CARLOS HENRIQUE MENEGOZZO – O que eu queria complementar só rapidamente, é dizer que a pesquisa que a UNE está fazendo, ela está baseada em um trabalho que nós desenvolvemos um pouco antes, eu coordenei a organização, o tratamento técnico do CAOC, então a gente recuperou alguns materiais que são da gestão das quais eles participaram e são materiais que certamente irão trazer nova luz, vamos dizer assim, ao período, a gente tem material ali do GTM, pouca coisa, a gente tem atas do de reunião do CAOC no período difícil que é de 67, 68, 69, ações ocorridas na Faculdade naquele período e a gente tem também os boletins das turmas, muitas coisas vindas de doações de ex-militantes que agora estão disponíveis para pesquisas. Então a minha fala é um pouco no sentido de dizer um pouco o que esses documentos contam, dizer que ele está, depois de se ter sido organizado, o material foi transferido para o museu da Faculdade de Medicina onde eu trabalhei um pouco e então,

todas as doações de materiais que vocês recolherem sobre o caso e se vocês quiserem entregar, provavelmente o museu da Faculdade de Medicina poderá receber e integrando esse material ao arquivo do CAOC.

Eu acho que, basicamente era isso, a Comissão da UNE está disponível para colaborar no que for possível, a gente, a nossa estrutura é pequena, eu estou faltando ao trabalho para poder participar hoje aqui, então eu não sei se a gente teria condições de colaborar ativamente com o trabalho de recolher material, mas a gente sabe onde algum material pode ser encontrado e coloca a nossa pouca estrutura à disposição para seguir a investigação e o relato do caso.

O SR. REINALDO MORANO – Sim, o professor André é o responsável pelo museu, não é?

O SR. CARLOS HENRIQUE MENEGOZZO – Como?

O SR. REINALDO MORANO – O André, isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Você mora aqui em São Paulo?

(Inaudível)

Ótimo, então Reinaldo, só para encerrar, Reinaldo, eu queria só para organizar, primeiro agradecer, agradecer não é um verbo bom para a Comissão da Verdade, mas essa sua capacidade de vir e contribuir com essa memória, lógico que lá no CAOC tem tanta história para contar, principalmente a história daquela infiltração daquele médico infiltrado e depois a relação que teve lá e depois tantas quedas, a participação da

estrutura da Faculdade, a gente precisa recompor a história e queríamos continuar contando com a sua contribuição, além de toda essa memória do CAOC e do típico Grupo de Teatro Medicina.

Então nós já estamos indo para o encerramento, talvez a gente assim como o Queiróz, no dia da Audiência do Queiróz trouxe alguns escritos do Ronaldo Mouth Queiróz foram recuperados e a gente está incorporando aqui ao acervo da Comissão, eu insisto que essa parte do Gelson é uma parte importantíssima para ser incorporado para que as pessoas tenham uma mínima noção do que foi a contribuição dela, do Cabral era um pouco mais distante, mas o Gelson era uma coisa impressionante a capacidade de produção de escrever e era impressionante.

Bom, para concluir, está faltando alguma coisa? E essa questão da UNE, nós temos o maior interesse em que pese todas as dificuldades que vocês têm, nós precisamos e nós queremos fazer uma aproximação. Eu fiz várias iniciativas, sentei lá, aí entendi o momento que não era mais para participar, vocês estavam em clima de congresso e é importante que você voltou e está propiciando essa reaproximação.

Felícia, eu sei que essas coisas são muito tristes, muito doloridas, sei que é importante você ter vindo aqui hoje, para nós todos e foi muito bonita a sua participação, muito importante e muito obrigado. E você também que também contribui muito conosco aí pelo Conselho Regional de Psicologia e gravando as Sessões e tal e vamos ver e obrigado pela sua contribuição.

Eu queria aí para os finalmente, encerrando essa Sessão, agradecendo todo o esforço da Assessoria da Comissão em montar essa Sessão. Acho que o Madeira, que o Reinaldo, o Dr. Madeira que é lá do Menino Jesus, é uma pessoa importante nesse segmento e a gente não pode esquecer de tentar conseguir o depoimento dele. Como é o nome daquele médico infiltrado que deu tanto, João, não é? Jota, Jota, Jurandir não, é mais complicado, mas está bom.

Agradeço a presença de todos e vamos encerrando mais essa Sessão. Muito obrigado.

(Aplausos)

* * *

